

# ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 15

Editor,  
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração  
Rua da Republica, 154  
GUIMARÃES

Director,

N. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da «Alvorada»

Guimarães, 4 de março de 1911

Administrador,  
Rodrigo Pimenta

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesense  
R. DE PAVO GALVÃO

## Os perigos da religião

(Palavras de Ramalho Ortigão)

«Nada mais funesto para os costumes do que ensinar ás mulheres que ha instituições especiaes para o serviço de Deus, para a conquista do ceu, para a remissão da culpa. O posto digno da mulher christã é em sua casa ao pé dos seus filhos.

Os exercicios espirituaes e as contemplações mysticas escurecem a alegria domestica, alvoroçam a virtude, perturbam a consciencia.

Na sociedade actual a mulher pertence, integralmente, com toda a responsabilidade do seu destino, á missão sublime da regeneração do homem pela attracção do lar. Desviar sob qualquer pretexto que seja a attenção da mulher dos interesses da familia é commetter para com a moral um sacrilegio. A casa conjugal tambem é um templo, e a maternidade é uma religião.,,

### -Impressões d'Arte

O pintor Souza Pinto, portuguez de nascimento e de raça mas ha muito afastado de Portugal, vivendo em França, a sua verdadeira patria artistica, porque a esta deve os louros que aqui jamais alcançaria—vem de abrir uma exposição de cerca de sessenta estudos a oleo e pastel, no Palacio de Crystal do Porto.

A individualidade de Souza Pinto, como artista (e superior artista!) é tão destacada, tão fortemente desenhada como essa dos maiores vultos que na Poesia, na Litteratura, na Arte em geral, aqui se teem erguido, neste recanto do mundo. Todavia o pintor, ao contrario do litterato ou do poeta, é apenas conhecido e admirado neste paiz por uma pequenissima minoria culta. Triste e superfluo é dizer-se que nós, os portuguezes, chafurdando ha seculos num atoleiro de ignorancia e rotina, não podemos, não sabemos dar o legitimo valor, o verdadeiro significado a essa modalidade sublime da inspiração, a essa manifestação poderosa de genio que animou um Velasquez e dimanou fecunda do espirito dum Rubens ou dum Miguel-Angele, para tomar corpo e luz e vida na tela ou no marmore, no colorido ou na forma!

Souza Pinto revela-se na pintura o que nas letras foi Eça de Queiroz—um cultor apaixonado da natureza rude e forte, palpavel, viva e honesta, como ella se desnuda aos nossos olhos humanos. E, tal como no artista grande que nos legou a composição intensa de côr e de verdade chamada *A Reliquia*, sobressae nest'outro essa qualidade pronunciada de fino espirito analysta, de agudo e subtil observador. Deste raro e precioso dom escreve Cyrillo Cardoso, referindo-se ao pintor: «pormenoriza tudo o que a sua intelligencia logica lhe determina, sem prejudicar a subjectividade emocionante das suas interpretações.»

E', com effeito, esta uma das mais admiraveis qualidades pictoricas de Souza Pinto. Os seus quadros, geralmente de pequenas

dimensões, sem tralados e acabados com o mais meticuloso cuidado, mas com a mais segura das technicas. Não lhe esquece o minimo detalhe, sem jamais contrariar seja a harmonia do conjunto, seja o destaque e a intensidade de motivo principal. Seguro no desenho, colloca tudo no seu plano, no seu logar, na sua luz, de forma que essas telas primorosas dam-nos a emoção viva e flagrante da verdade, mas a verdade dignificada, refractada na crystalina limpidez dum cerebro que pensa e que idealiza.

Dentre os quadros que Souza Pinto expõe presentemente no Porto, para maior admiração e deleite espiritual dos que teem olhos para ver e alma para sentir, destacuemos um qualquer, ao acaso. Seja o intitulado *A mulher do pescador*: é um telasinha de interior que, como muitas do nosso artista, faz lembrar pela simplicidade e pela perfeição da technica os preciosos e suaves trechos desses magnificos pintores da antiga Flandres. A mulher do pescador, typo accentuado de poveira, fia o linho rijo que ha de vestir a carne máscula e sadia de algum velho lobo de mar. A attitude da figura é natural, espontanea, encostada á pedra alta da lareira. Tem no rosto a vaga distracção, o desprendimento amargo de quem se conformou com a miseria infundavel e continuada. Em volta ha espalhados utensilios caseiros de gente pobre, sobre os quaes poisa, aqui e alem, um beijo quente de poeira d'ouro que o sol atirou pelas frestas do telhado. Nos raios de luz, incidindo ao fundo, sente-se a fluidez, a tenuidade da nuvem azulada que as brazas mortas do lar espalham no ambiente. E sobre todo este conjunto sae uma atmospheria branda e calma, cheia de harmonia e singeleza. Só os grandes artistas sabem, dum thema simples como este, tirar essa grande riqueza inesperada de effeitos e tonalidades.

Ha depois nesta magnifica exposição, que marca um verdadeiro acontecimento artistico, impressões formosas das margens asperas do Douro, cobertas da

cazaria pittoresca, cheia de brilho e de côr, como essa *Perto das Fontainhas*, o *Caes dos Guindaes*, etc.

Ha trechos de ruas, como as *Casas Vermelhas*, *Uma rua de Vallongo*, manchas inundadas de sol, reflectindo e dispersando a luz, numa orgia de côres e vibrações cantante como um hymno.

São os interessantes effeitos de noite, onde o artista revela o poder dos seus processos de factura, fazendo dimanar do quadro a intensidade luminosa do gaz e a scintillação baça das estrellas!

As valiosas cabeças de estudo, como essa *Cabeça de pescador*, duma luz tão bem procurada, duma côr tão limpa, dum desenho tão leve e tão correcto!

As aguas transparentes entre a verdura dos campos; essas lavradeiras do Douro, de face tostada e saudavel, como a *Lavadeira de Vallongo*, como nesse evocador *Fim da tarde*; a formosa telasinha intitulada *Estio*, um estudo do nu, e outros, muitos outros trabalhos a que não posso referir-me pormenorizada-mente. Porque, afinal, tudo é bom, tudo alli é de mestre.

E, nestas desprezenciosas rotulas, somente quero firmar a minha grande admiração por este grandissimo artista que, com Columbano e Malhã, completa a trindade magnifica de pintores que Portugal se gloria de poder collocar ao lado dos maiores artistas mundiaes da actualidade. Valha-nos isto, na nossa decadencia...

Mario Cardozo.

## ECHOS

### Áparte illogico

Quando nessa tão pittoresca assembleia geral de 21, ali no Centro Republicano realisada, liamos a nossa moção de confiança á Commissão Administrativa da Camara Municipal, um cidadão correligionario, que por signal era forte nos ápartes, objectára que

nem sempre assim havia pensado a «Alvorada»!

E que assim tivesse sido, que importava isso, afinal?

Acaso a nossa opinião pretendu alguma vez ser immutavel?

Mas não se dá, mas não se verifica tal insinuação.

Tem este jornal, que é orientado unica e exclusivamente pelo criterio do seu director, divergido da conducta da camara, neste ou naquelle ponto da sua administração. Tem, é certo. Mas quem é que, recordando-nos essa honesta, digna e alienavel independencia de opinião, poderá cohibir-nos a liberdade de manifestar a nossa confiança—a nossa confiança, note-se!—por esse corpo administrativo?

E' evidente que a ousadia é muitas vezes filha dum erro inconsciente, outras vezes producto duma convicção falsa. Em qualquer das hypotheses nós ficamos esperando pelo esclarecimento e, já agora, sempre desejamos saber quantas vezes temos deixado de fazer justiça á Commissão Administrativa da Camara Municipal.

Para quem, como nós, tem vontade de acertar, não é indifferente a resposta—nem ella nos pode ser negada.

—Quantas vezes tem a «Alvorada» deixado de fazer justiça á Commissão Administrativa da Camara?

Ficamos aguardando para melhores conclusões.

### Probidade . . .

Assim nós, como qualquer creatura de bons costumes, percorriamos insensibilizados a leitura dum grave jornal conservador, quando deparamos com isto:—«Apurou-se pela syndicancia á irmandade do *Senhor Jesus* promovida pelos empregados da administração do concelho, um desfalque de tres contos de reis.»

Proseguindo na variada leitura do jornal, deparamos mais com o seguinte:—«Na *Associação Artistica Vimaranesense* (Soccorros Mutuos) existe um desvio de cinco contos de reis!»

Fomos passando d'alto a baixo todas as columnas do grosso no-

tiario, tropeçando aqui com um caso de rua, adiante com um commentario banal, para fixarmos mais a vista neste informe:—«Ao commerciante Ramos, que está ausente em parte incerta, foi-lhe aberta fallencia computada em perto de vinte contos! Era muito conceituado nesta praça—acrescentava o informador solicitado!

Attrahidos pelo crescente imprevisito da leitura, mais uma vez seguimos percorrendo com a vista o bem cotado periodico, lendo mais o que segue:—«O solicitador... implicado num caso de falsificação de escriptura teve de prestar fiança que lhe foi arbitrada em nove contos, para não ter de entrar na cadeia». E o austero correspondente completava:—«O solicitador continua no seu escriptorio onde espera receber a confiança do publico!»

Deviamos ficar por aqui? Não deviamos, impunha o referido jornal de grande circulação. Lemos mais:—«O Banco Commercial de Guimarães (sempre Guimarães!) está em crise aberta!» E não dizia nada mais a bem informada gazeta... talvez porque tendo nós subido da insensibilidade á revolta não procurassemos ler mais nada. Que desgraçada terra a nossa!..

### Boa nova

Breve, muito breve vai ser entregue ao municipio o palacete, capellas e quinta, moradia dos jesuitas em Santa Luzia, para nelle serem installadas as Escolas Centraes, ambos os sexos.

E' sem duvida uma boa nova para esta terra, pois ficaremos desta maneira com um edificio á altura do fim a que se propõe, podendo então a camara com melhor exito fundar ali uma cantina escolar, para o que já votara um subsidio.

Foram estes e outros assumptos que levaram o digno administrador do concelho a Lisboa, e assim é que mais uma vez se prova quanto tem sido intelligente e patriotica a sua acção administrativa.

Parabens á cidade que tem a auctoridade que merece.



## E viva a nossa "ótimo- mia,"

"Famalicão, 1 — Camara Municipal deste concelho protesta hoje em sessão extraordinária contra ideia criação de concelho novo formado com freguezias tiradas Famalicão, Guimarães e Santo Tyrso.

S. F.

Este novo concelho é Riba d'Ave. Assim, dum lado Vizella, do outro Riba d'Ave agasalham em seu seio a lida e cega esperança da autonomia!

Uns e outros tem percorrido as aldeias e os valados... á caça de assignaturas. E o que dizem esses garibaldinos, o que dizem elles aos pacovios de quem se abeiram pela assignatura?

Talvez que as estradas e os caminhos serão então traçados... a pedido, que as contribuições descerão como por encanto, que tudo levará uma reviravolta... a contento de todos, não é assim?

Sempre devia ser muito divertida a cara desses cidadãos concelhios, ao serem intimados a pagar pela distribuição tributaria o luxo das suas phantasias!

Está-lhes prometido o concelho, dizem, numa certeza de quem tem pressa de obter!

Eis porque hoje, em vez de se encontrarem caciques a pedir votos, veem-se por esses logares a roubar freguezias!

Riba d'Ave, Vizella... Não ha mais ninguem que queira ser concelho?!

E' pedir, ó gentes!

## Carnaval

Passou. O edital da auctoridade fôra cumprido á risca e talvez, por isso, nós vissemos mais mascaradas e menos laranja... projectil de que entre nós se fazia grande gasto a pretexto de correr a insipidez e o nojo.

Entrada sem espirito, sem graça portugueza, teve talvez o privilegio de desmascarar... a nossa inconsistencia para o riso.

Não sabemos se mesmo assim o rapazio se divertiu; do povo sabemos nós que não illudira a sua miseria—tão grande ella se mostra.

Constata-se, todavia, que o cymatographo esteve animado no panno branco e na plateia, que o Circulo Catholico servira por preços sem competencia, 2 espectaculos, e S. Domingos offerecera á devoção a pratica das «40 horas.»

E passou.

## Leves considerações archeológicas

III

### Paço dos duques de Bragança

Data do seculo XIV este agigantado e solido edificio que fôra mandado construir pelo primeiro duque de Bragança D. Affonso, filho do rei D. João I, e que em diversas gerações foi a nobre residencia d'esses legitimos fidalgos.

Tendo servido de aquartelamento a varios corpos militares desde o anno de 1867, deu este facto origem a successivas e, por vezes, profundas reformas no vasto edificio, lesando assim quasi totalmente a primitiva construcção, restando, todavia, intacta e em estado de ruinas a mais bella parte d'elle.

A geral cruzeta de linhas e o aspecto desataviado de archite-

ctura que reveste as suas paredes não traduz, certamente, o luxo interno de que se deviam cercar esses grandes senhores da meia-idade.

Este palacio formado em quatro corpos, tendo ao centro um largo pateo, apresenta no frontal interior do corpo que olha para nascente um lindo portico composto de oito columnatas de mármore branco, sob graciosos capiteis em que assentam os respectivos arcos de ogiva, e ligava outr'ora com outras dependencias que foram destruidas e occupavam esse pateo. Dentro e logo defronte deparam-se os formosos janellões que, como o portico, representam uma delicada manifestação de estylo gothico.

Era alli a casa nobre d'esses paços, onde se davam brilhantes recepções a soberanos portuguezes. Não é de extranhar, portanto, que fosse ordenado ao artifice estylisar a frieza do granito em contornos floridos e esveltos n'aquellas janellas, atravez de cujos vidros se coariam ondas claras e aniladas de luz que banhariam esses ricos aposentados.

A fachada exterior d'esta parte do edificio é constituída de tres corpos salientes e dois reentrantes, rematando os das extremidades grandes cachorros que sustentavam largas varandas. Co-roam estas paredes quatro chaminés de tijolos bem conservadas ainda e dispostas symmetricamente.

Por dentro da parede que defronta com o pateo sobem estreitas escadas que davam acesso aos diversos andares (cujos pavimentos deixaram escriptos vestigios n'essas paredes) estando hoje, em parte, obstruidas. Na fachada para nordeste restam tambem algumas janellas que deviam ser o modelo das restantes de todo o edificio e que foram alteradas.

Porque esta é, realmente, a parte mais interessante e artistica do velho palacio, para ella dirigi de preferencia a minha attenção e aqui manifesto o meu desejo, por amor da archeologia d'esta terra,—de que se poupe ás reformas utilitarias e de lesa-arte, porque é um documento raro, entre nós, do florescente estylo gothico.

Essas continuas e sensíveis modificações que soffreu este edificio, como já referi, não nos permitem actualmente fazer uma nitida ideia do que fosse primitivamente, na sua completa estructura, apenas nos deixam entrever que elle era de proporções mais grandiosas do que se encontra. As esguias escadas em espiral do corpo de sudoeste são mais um curioso motivo de interesse. Pouco resta de original dentro deste; as necessidades da vida de caserna transmudaram inteiramente todo aquelle enorme interior, aproveitando-lhe unicamente as paredes de robusta espessura.

Comtudo, a sobriedade, que era o caracteristico d'este palacio, patenteia-se perfeitamente e não será facil mesmo apear pedra a pedra tão solida construcção!

(Continúa.)

Jeronymo d'Almeida.

## Carta d'Urgezés

Queixam-se bastantes familias d'esta freguezia, de que tendo sido obrigadas, sob pena, a matricularem seus filhos na escola, se viram na extrema precisão de os

## A provincia depois da proclamação da Republica

O que nos diz o administrador do concelho de Guimarães

### O povo das aldeias do Minho precisa de ser democratizado

«Approximam-se as eleições. Lisboa fixa os olhos na provincia, prescrutando quaes as surpresas que a provincia lhe preparará na constituição do novo parlamento e que opinião ella fórma destes primeiros mezes de governo republicano. Raro é o provinciano chegado á capital que não tenha logo umas dezenas de perguntadores curiosos, averiguando da vida de terras distantes, de onde, lá de largo em largo, chega o rumor das insolencias de um ou de outro padre rebelde. Assim nós nos abeiramos hontem do administrador do concelho de Guimarães, o sr. dr. Eduardo d'Almeida, que se encontra em Lisboa, e não pudemos resistir a desfechar-lhe a inevitavel pergunta:

—Então lá por Guimarães?

—Realmente é essa a pergunta que me faz toda a gente e, todavia, no sorriso amavel com que a formulam, não conseguem disfarçar que já estão á espera da seguinte resposta: — «muito mal; thalassismo furioso, reacção ainda predominante».

—E não será, na verdade, assim? Como recebeu a cidade e o concelho de Guimarães a proclamação da Republica?

—Eu lhe digo: os politicos de profissão, aquellos que viciosamente laboraram nas clientelas monarchicas, adquirindo assim, como dizia o biologo Le Dantec, a especialisação habitual e absorvente da politiquice, encararam a Republica como um facto consummado, o meio actual, ainda falando biologicamente—a condição n.º 1 (assimilação) indispensavel á sua vida propria e assim tomaram o aspecto determinado pelo mais: *adheriram* e tanto mais rapidamente quanto com mais violencia a nova atmospheria reagiu sobre elles. E' por isso que os teixeiristas que estavam no poder foram os primeiros a adherir em massa.

—E o povo?

—Esse é que posso garantir-lhe que não adheriu e por uma razão fundamental: é que o povo do norte não era monarchico nem se transformou em republicano. Que a respeito delle não tenha receio o governo—ha uma unica revolta em que elle podia entrar—a revolta contra o desprezo a que systematicamente tem sido votado. O povo do norte, o povo do Minho, e é excellente que um jornal tão lido como o *Seculo* o diga, arrasta-se dolorosamente na mais triste escravidão—a do analfabetismo e a da miseria. O Minho conhece-se apenas em Lisboa através da scenographia palavrosa do theatro. Não é a miseria e a fome brutaes n'um dia agramante sentidas. Vive n'uma secular tortura, circulando já heredi-

tariamente no sangue e alimentada com o primeiro leite.

«A saude do camponez é uma torpe mentira. Elle come um caldo de couves sem azeite, umas batatas e um pedaço de boroa; elle dorme na palha. Desconfiado, o seu cerebro não pensa, o seu coração é quasi animal. Tem uma qualidade de resistencia—o trabalho, uma unica luz—a mulher. Pois bem—mais uma vez repito o que tantas vezes tenho dito e escripto—nas freguezias ruraes ha, segundo um calculo a que procedi, 90 por cento de analfabetos.

«Era a grande força da monarchia. Quer dizer: a mulher é uma besta de carga, a maternidade uma função meramente animal.

«Para este povo, que eu tanto amo, porque mais do que elle ainda sinto a dôr em que vive, é que a Republica deve olhar com olhos de vêr. Democratizar o abruptamente é um impossivel. O espirito obedece a leis necessarias de evolução, que se podem accelerar na sua marcha ascendente, mas é dispartado julgar que de um escravo se formará de repente um verdadeiro cidadão.

—Estou adivinhando que veiu pedir escolas...

—Tenho realmente andado a esmolar pelas secretarias—dêem-me um pouco de luz para o meu povo. O ignorante é sempre um escravo. Dêem-lhe luz. Não pensem que o povo do norte fará mal á Republica—o povo do norte recebeu-a com indifferença e está vendo o que ella faz, com uma nascente esperanza. Alimentem na escola essa esperanza e terão ali o trabalho, o sentimento, a energia e a riqueza, qualidades adornadas no coração do norte e que a escola fará germinar victoriosamente.

### O franquismo e o thalassismo em Guimarães—A reacção clerical

—Guimarães foi sempre um foco de franquismo. Será provavel, por causa disso, a eleição de um deputado reaccionario?

—Para lhe responder com a lealdade ingenua mas atrevida que tantos desgostos me tem dado, é necessario dizer que havia em Guimarães thalassismo e franquismo; o thalassismo era a colaboração politica na obra neurasthenica do dictador e o franquismo a dedicação pessoal por João Franco. O thalassismo, affirmo-o categoricamente, desafiando qualquer desmentido, morreu. Se qualquer dos deputados que acompanharam João Franco se propuzesse em Guimarães, seria inexoravelmente derrotado. Tenho uma certeza humana do que lhe digo. *O governo pode contar com Guimarães.* A dedicação pessoal a João Franco persiste, mas ex-

clusivamente pessoal e completamente afastada da politica. Para meia duzia de amigos elle é uma saudade do tempo em que elles tinham vinte annos e andavam gritando pelas ruas de Guimarães — *Viva a união ao Porto!* — na celebre lucta com Braga.

—Uma ultima pergunta. A lei da separação da igreja do Estado não irá perturbar essa esperanza do povo na Republica, em que falou, e não arrefecerá o seu entusiasmo?—Não. Num centro populoso e rural, Pevidem, eu fiz uma pequena conferencia sobre a separação da igreja do Estado. Foi ao ar livre. Estava bastante povo, havia mulheres. Expliquei o que era a separação da Igreja do Estado e fui... entusiasticamente applaudido. Olhe, numa gaveta da minha secretaria na administração, tenho maços e maços de citações para pagamento da offerta. Ha freguezias em que dois terços de freguezes não pagam ao abbade, porque estão fartos da exploração. O povo é religioso. Mas principiou desconfiando do dinheiro que os santos curas lhe arrancam das algibeiras magras. E os curas andam lá pela repartição averiguando se o Estado lhe tirará os passaes.

—Guimarães tem fama de ter muitas familias nobres. A influencia dessas familias não será hostil á Republica?

—Em primeiro lugar, dir-lhe-hei que a maior parte dessas familias estão dispersas um pouco pelo paiz e outras quasi se extinguiram, sem descendencia. Mas as que ainda existem são quasi indifferentes á politica. De resto, tambem temos quem nos acompanhe. Ainda antes de proclamada a Republica, uma filha do conde de Azenha, que é dos mais authenticos fidalgos de Guimarães, requereu o registo civil do seu casamento. Por esse lado não é que é a duvida. O principal é fazer a propaganda liberal entre a gente do campo.

—Para isso já não terá muito tempo...

—Eu não queria fallar de mim. Mas é verdade, infelizmente; eu quasi não tenho tempo. Tenho feito um sacrificio enorme de tempo, de saude e de dinheiro. Passo noites inteiras na administração. Todavia, tenho chegado a ser calumniado por quem não era capaz de fazer metade dos sacrificios a que me tenho sujeitado. E, no entanto, faço tudo isso, estando, afinal, muito distante do fim que me propuz e das idéas que me orientam. Eu não sou um politico profissional. Vim para a politica, dum pequeno quarto, onde me fechei de novo a estudar, indifferente ás paixões e aos odios dos outros...

D'O Seculo.

retirarem dos amos, esses que já iam servindo na lavoura e, por assim dizer, ganhando o pão quotidiano e alguns trajos, tornando assim a vida mais suave aos pobres paes que, na generalidade, com tantas difficuldades vivem devido aos falhos recursos de subsistencia, e estes se vêem agora com os filhos expulsos da escola, sem amos e sem ensino.

E' que, tendo sido creada mais uma escola nesta freguezia para o sexo masculino, a professora em função viu se logo com o di-

reito de ensinar só meninas e repellar os meninos.

Sobre tal, não faço considerações algumas; simplesmente manifesto o meu profundo desgosto por esta resolução, accrescentando que o acto não deixa de merecer justificada censura.

E' pois conveniente, e reputo de grande necessidade, que essa escola creada seja immediatamente posta a concurso, porque realmente é pena que essas creanças tendo já alguns leves conhecimentos, os voltem a esquecer.

—Na parochial igreja d'esta freguezia consorciou-se a sn.ª D. Maria Lopes Teixeira com o sr. Jacintho Landeira, capitalista brasileiro.

Aos nubentes mil felicidades.

—Diz-se que o presidente da junta de parochia de cá, traz projectos em construcção.

Aguardamos o dia em que os dê á luz para conscienciosamente os apreciar.

Deudé



Incompatibilidades

O povo pouco illustrado e mesmo alguns que se teem na conta de sabios e de espartos, movem uma guerra tenaz ás novas instituições...

Ha ainda por essas aldeias serrotejas, aonde o sol da civilização não raioi, e mesmo em meios civilizados como o nosso, um tal odio á palavra «Republica»...

Como esta gente tem a ideia clara do que seja Republica e do que seja Religião! Esta ignorancia crassa da nossa sociedade é a causa de grandes difficuldades...

Aquelles que lançam no animo das multidões ignaras a ideia de perseguição o novo regimen, apregoando-lhes que os bons catholicos não podem e não devem ser compactiveis com os actos do actual governo...

Os que outr'ora com a religião por arma e Christo por bandeira faziam monopolio da sua hypocrisia, são os que hoje vociferam contra os nossos legisladores...

Mas porventura terão esse nobre sentimento, a que se chama amor da Patria, os que assim procedem?

Não... São massas inertes de que a nossa sociedade está eivada, e o seu verdadeiro sentimento prende-se apenas com interesses materiaes...

Hoje que vêm fugir-lhes para longe as benesses que em outro tempo usufruíam falsa e clandestinamente, sobem á tribuna e convidam o povo simples a perfilhar o passado e condemnado pelos seus erros...

E ha assim uma incompatibilidade entre republicanos e catholicos, como elles argumentam á priori, mas que não consegue demonstrar com todas as razões da sua logica.

A Republica respeita e deve respeitar as crenças de todos os individuos, quer catholicos, quer não catholicos, porque as crenças são e devem ser livres...

O que pretendemos frizar bem aos nossos leitores é que não ha nem pode haver incompatibilidade de alguma entre a Republica e a Religião. Ambas desempenharão a missão que lhes incumbe e respeitarse-hão sempre...

minho glorioso da outra. Todos devemos ter por divisa a defesa da Patria e o seu engrandecimento; trabalhar por ella tanto quanto possamos...

Spes.

Pela instrucção

(Continuado)

Todos os diários do Porto e da capital promettem, para breves dias, o apparecimento da Reforma da Instrucção Primaria, cuja elaboracão tem merecido os mais assiduos cuidados...

E bem profunda carece ser, para produzir os desejados fructos, concernentes ao avanço que, em paizes mais cultos, tem tomado nos ultimos tempos!

Não queremos, nem isso é possivel, que dum só impulso atinjamos, desde já, as culminancias observadas na modelar Suissa e na prospera America do Norte; o que anciosamente se espera é o inicio de medidas tendentes a equiparar-nos...

Entre nós ha quasi tudo por fazer, ou apenas em estado embryonario.

Onde temos as escolas materiaes, os jardins d'infancia tão dispersos nos paizes mais cultos, e de tão uteis e proveitosos resultados?

Onde temos nós edificios escolares apropriados, já na sua estructura, já na sua adaptacão á frequencia escolar?

Onde os ha ahí com o preciso material didactico e conveniente installaçao?

Se o benemerito Governo Republicano encarregasse um profissional consciencioso de visitar todas as escolas do Paiz, inquirindo das suas installações, e das circunstancias annexas ao regular desempenho das funcções professoraes...

Por isso, a nosso ver, e conformando-se plenamente com a opinião do illustre professor de Rio de Moínhos, Penafiel, diremos tambem que a primeira reforma a fazer-se, no tocante ás escolas, seria a dos edificios respectivos, ou adquirindo-os, ou construindo-os nas condições da pedagogia moderna.

Bem sabemos que tão util medida acarretaria uma excessiva despesa momentanea; mas... sem o emprego dos meios não se conseguem os fins, e tudo quanto seja tendente a beneficiar o ensino primario e a população escolar...

Não sabemos, e poucos o sa-

berão, as surpresas que nos trará a tão almejada reforma; aguardamo-la, por isso, tranquillos e certos de que algo de bom nos dará, embora a perfeicão jámais se possa attingir em assumpto de tamanha transcendencia...

—Mas lançando um golpe de vista sobre os mesmos assumptos, cá no concelho, que é como quem diz, cá por casa, vejamos o que ha perto de 20 annos tem progredido este pacifico burgo, no que diz respeito a escolas primarias.

As que a esse tempo existiam limitavam-se ás 2 da cidade, 3 em Vizella, 2 nas Taypas, 2 em Sande, 2 em S. Torquato, 1 em Lordello e, salvo erro, cremos que mais nenhuma.

A benemerita Sociedade Martins Sarmiento annualmente, como costuma, no seu anniversario, premiava aquelles alumnos das escolas officiaes e particulares do concelho que se tornassem dignos dessa distincção.

As escolas iam funcionando regularmente e os alumnos que se submettião ao exame elemental dentão, satisfiziam os programas respectivos e, embora com mais trabalho, adquiriam uma bagagem de conhecimentos mais solidos do que actualmente, e bastante intenosos relativos ás condições materiaes de que dispunham os seus mentores.

Ha 15 annos, pouco mais ou menos, uma onda de progresso invadiu este esquecido feudo que, dumas 12 escolas que possuía, ficou sustentando umas 50 ou mais.

Augmentou a illustracão popular? E' de suppor que sim, mas não o cremos em absoluto. E não o cremos porque essas escolas estão, na sua quasi totalidade, pessimamente installadas, e sem condições algumas attractivas da freguezia.

Aqui mesmo, na séde do concelho, d'onde, por via de regra, o exemplo é imitado, vê-se uma Escola Central e demais a mais feminina, installada entre alcoves e tabernas, num edificio soturno, humido, pesado e frio, mais proprio para uma alquilaria do que para uma casa escolar...

Logo á entrada se depara com um pateo ligeado que serve de abrigo ás pobresinhas que allí vão á frequencia, e onde ellas, quasi ás escuras, entreteem o tempo de espera, de pé, ou sentadas na lage, porque ainda não houve quem caridosamente se lembrasse de allí mandar collocar 2 bancos...

As salas escolares, reduzidas ao minimo que a lei determina, são, por isso mesmo, insufficientes para uma regular installaçao, não havendo sequer uma dependencia onde se colloquem os agasalhos e abrigos quer das alumnas quer das professoras; pelo mesmo motivo não ha sequer um lavatorio para o pessoal respectivo, tendo todas—alumnas e professoras—de beberem pelo mesmo pucaro, atirado para cima dum balcão, num corredor escurissimo, onde tanto podem medrar os roedores como os arachnideos...

A sala da 4.ª classe, onde permanecem as alumnas mais desenvolvidas, pelo menos intellectualmente, tem de conservar as janelas hermeticamente fechadas, vendose até a respectiva professora na dura necessidade de offuscar os vidros, para as alumnas não observarem o que se passa nas casas fronteiras.

E é nestas condições moraes e materiaes que hade fructificar uma escola, que hade instruir-se a geraçao materna d'amanhã!...

(Continúa).

M. B.

Typos da sociedade

II

O MÁ-LINGUA

S. Chrisostomo foi chamado o "bocca de oiro"; o má-lingua, foi chrismado o "lingua-de-prata". Só d'uma coisa é cioso o má-lingua: é o de dar á taramella, ao farrapo.

Em resumo:—dar á lingua é seu prazer, dar á lingua é seu officio.

O "má-lingua" que virtualmente não é ninguém, é considerado, e muito bem, um perigo, uma praga, uma infecção social.

Com fórma humana, é todavia mais um exemplar da especie dos parasitas—um roedor.

E que roedor!

Reputação firmada, conceito seguro, honra, pudor, innocencia, virtude, nada lhe escapa, tudo roe... até as proprias unhas.

O "má-lingua"! Quem o não depára nos pantanos viscosos da desvergonha, cortando como um magarefe, mordendo como um ra-feiro, abocanhando como um san-deo?!

Quem o não descobre nos conciliabulos da sombra, nos conclaves da intriga, no revolver dos soalheiros... tecendo, emaranhando, intrigalhando?!

E' que o "má-lingua", extreme é-o tão refinadamente que, nem mesmo quando está calado deixa de ser—um "má-lingua"!

Consequentemente o "má-lingua", tem imprensa, tem religião, tem amigos; imprensa para mentir mais alto, religião para enganar mais fundo, amigos para corromper mais facil. Em conclusao de logica o "má-lingua", tem tambem os seus centros aos quaes se convencionou tornar conhecidos por a designaçao de—"Centros de má-lingua".

N'estes "centros", ou, melhor dizendo, n'estas cavernas de caco onde não entra a luz d'un raciocinio claro, onde não cae um triste orvalho de piedade, o "má-lingua", que é um mixto de perversão e ignorancia, sem imaginar um momento no soffrimento das suas victimas, sem encarar nos estragos que atraz de si semeia, sem considerações, sem tergiversações, d'olhos fechados, corta de tudo e de todo... a esmo.

E' uma thesoura! Peor: é uma vibora!

Que fazer-lhe? Corrigil-o com um chicote?

Não. O "má-lingua" é uma montureira exhalando immanações putridas, impregnando de miasmas o ambiente da casa, da rua, do bairro e da sociedade. Completando:—o "má-lingua" é lixo, é escremento, é fedor.

Logo... em nome da moralidade publica, do bem publico, da

hygiene publica é preciso remo vel-o.

Como?

—Cortando-lhe a confiança, correndo-o do convivio da gente limpa.

C.

NOTICIAS

Fallecimento

Após prolongados e dolorosos soffrimentos falleceu, na ultima segunda-feira, o nosso prestimoso correligionario Antonio Narciso, dignissimo chefe da policia civil d'esta cidade. O seu caracter e a pureza dos seus sentimentos alheados com os principios republicanos que sempre defendeu com a mais devotada e sincera lealdade, destacaram-no no nosso meio como empregado digno e zeloso.

O seu funeral realisado na terça-feira foi uma demonstração de sympathia á memoria do morto, encorporando-se no prestito todas as associações democraticas que para esse fim haviam sido convidadas pelo Centro Republicano local.

Apesar de ser o primeiro enterro civil a que aqui assistimos, foi extraordinariamente concorrido, e todos os cidadãos que no cortejo civico acompanharam o fallecido á sua ultima morada, como os que estavam á sua passagem, descobriam-se respeitosa mente.

A bandeira republicana que elle em vida defendeu com todo o ardor das suas convicções, foi a que o amortalhou na sua jornada eterna.

A sua esposa as nossas condolencias.

Dr. Joaquim d'Oliveira

Este nosso distincto correligionario director do «Radical» de Braga, foi nomeado conservador do registo civil no districto.

Foi uma acertadissima escolha, pois á intelligencia allia a bondade, sendo qualidade tambem para notar a sua extrema dedicacão e serviços á Republica.

Parabens muito sinceros ao illustre cidadão.

Dr. Alfredo Pimenta

Foi collocado no quadro professoral do Lyceu Passos Manoel em Lisboa, este nosso presadissimo terranceo a quem de sempre nos habituamos a considerar pela sua integridade de caracter e superior espirito.

Felicitacões lhe enviamos, certos de que não ficará por alli quem de bem mais é credor.

Dominó Vermelho

Como de costume, um generoso anonymo saiu na sympathica colheita de donativos para os pobres durante os dous dias de carnaval, obtendo o seguinte resultado:

Poesias e dominó . . . 12500
Donativos . . . 132035

Saldo . . . 112035

que foram entregues á «Confidencia de S. Vicente de Paula». Bem haja o caridoso anonymo, nosso dedicado republicano.



ALVORADA

# SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

Grande saldo de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

## CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.<sup>A</sup>

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por júnio e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.<sup>A</sup>

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

## Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97

CHAPEUS PARA SENHORA E CRIANÇA  
(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Camisaria, Grevataria, Espartilhos  
e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

PREÇOS MODICOS



## CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

### ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno . . . . .	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha . . . . .	40 rs
Semestre . . . . .	600 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Brazil, anno (moeda forte) . . . . .	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso . . . . .	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.<sup>mo</sup> Snr.